

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE IMORTALIDADE ACADÊMICA

Wilberto Silva Trigueiro

Acadêmico Titular da APMED – Cadeira nº 37

A imortalidade é um tema recorrente ao longo da história da humanidade. Desde tempos antigos, diferentes culturas e civilizações têm buscado alternativas de prolongar a vida ou alcançá-la de alguma forma. Na mitologia grega, por exemplo, havia a crença nos deuses imortais e na existência do elixir da vida, que concedia a imortalidade a quem o consumisse. Já na cultura chinesa, sua busca era frequentemente associada à alquimia e a práticas de meditação. Os egípcios, astecas, incas e maias tiveram na morte, e na expectativa do *post-mortem*, o centro de suas atenções. A mumificação, as pirâmides e os grandes templos manifestam a crença em uma vida, depois da vida. Aspectos religiosos e espirituais possuem interpretações variáveis entre diferentes correntes do pensamento.

A busca pela imortalidade tem sido alvo de reflexão por parte dos filósofos durante vários séculos. Platão, um dos mais influentes da história, argumentava que a alma é imortal e que a morte é apenas a separação temporária da alma do corpo. Aristóteles, seu discípulo, tinha uma visão que a imortalidade não residia na alma individual, mas na capacidade da humanidade de atingi-la por meio de suas e contribuições para a sociedade. René Descartes defendia a ideia de que a mente é imortal e que o passamento não afeta a continuidade da consciência. Nietzsche, filósofo alemão do século XIX, tinha uma visão mais cética em relação à imortalidade e argumentava que a sua busca era uma tentativa de fugir da realidade.

Passando para o título do artigo, a Academia Brasileira de Letras possui na bandeira a inscrição *Ad immortalitatem* (Para a imortalidade). Machado de Assis, seu primeiro presidente, em pronunciamento inaugural na egrégia Casa, em 20/07/1897, disse: “Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão”.

A imortalidade acadêmica é um conceito que remete à ideia de que o legado intelectual de um acadêmico pode perdurar além de sua própria existência, continuando a influenciar e a

contribuir para o avanço do conhecimento em sua área de atuação. Esse patrimônio intelectual, construído através dos anos, compõe-se de relevantes publicações e ensinamentos de reconhecido mérito, que inspiram e desafiam as futuras gerações em busca de novos aprendizados.

O acadêmico emérito da Academia Paraibana de Medicina (APMED), Guilherme d'Ávila Lins, *in memoriam*, ao ser empossado na cadeira 19, da Academia Paraibana de Letras (APL), em 2008, tem a sua plaquete intitulada “Imortalidade, uma Identificação do Ser Humano.” Saudado pelo acadêmico Manuel Batista Medeiros, este pronunciou: “A imortalidade acadêmica não é um mito. A biológica é. Já a religiosa existe... preciso não esquecer que a Razão no ato do conhecimento contempla dois patamares: o material (biológico) e o lógico-metafísico. Convém lembrar muito cuidado para não se confundir os dois, ou pelos menos, para não prescindir de um em favor do outro.”

Os membros das Academias, uma vez admitidos pelo mérito, ocupam sua cadeira durante a existência e, quando da sua vacância, o lugar é preenchido por outro acadêmico, que enaltece o histórico de vida de seu precedente. Segundo Damião Cavalcanti, “A imortalidade que a Academia concede, decorre, antes de tudo, do compromisso dos empossados invocarem seus antecessores. É também assim que eles renascem, tornando-se imortais, paradoxalmente, à medida que passam os centenários de sua morte...”. Uma frase encontrada na parede de um antigo prédio de uma biblioteca medieval diz: “*Hic mortui vivunt!*” ou seja, “Aqui, os mortos estão vivos”.

O acadêmico fundador da APMED, Hígino da Costa Brito, titular da APL, pronunciou em discurso de recepção ao Dr. Mário Moacyr Porto, quando este assumiu a cadeira de número 4, da última entidade: “As Academias são este tempo presente buscando no passado humano o que ele tem de melhor, situando-o no seu justo lugar, equilibrando-o, de forma estável, de tal sorte que o projete para as eternidades do futuro, sem o perigo do esquecimento”. Em relação àquele que foi detentor de realizações científico-literárias significativas, mas não sendo um “imortal acadêmico”, com os sucessivos discursos de saudação que enumeram seus feitos existenciais, tradicionais no rito regimental da sucessão acadêmica, suscita a questão: a memória dele será sempre lembrada, *a posteriori*? *Obviamente*, a notoriedade não se limita apenas àqueles que foram acolhidos por uma associação acadêmica. Porém, Gustave Flaubert



(1821-1880), escritor e pensador francês, depois de criticar as Academias, foi assertivo: “se for possível, tente-se fazer parte delas.”

Que a "imortalidade" continue a ser um estímulo que enriqueça as instituições acadêmicas, incentivando o avanço e a preservação do legado cultural de seus ilustres membros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, JS. **Mitologia Grega** – Vol III. Editora Vozes, Petrópolis, 1989.

D’ASSUMPÇÃO, EA. **O sentido da Vida e da Morte**. 3a. ed. Editora. O Recado, São Paulo, 1998.

d’AVILLA LINS. **Imortalidade, uma identificação do ser humano** - discurso de posse e saudação na APL, 2008.

CAVALCANTI, D. **Da imortalidade Acadêmica**. Recanto das Ideias, 2014.